

# Casas migrantes

Heloisa G. P. Nogueira\*

## RESUMO

O texto faz uma mediação entre a modernidade e a pós-modernidade, mostrando uma sociedade que acreditou e se convenceu de suas memórias e certezas e que, súbita e paradoxalmente, vê-se lacerada e corroída em suas entranhas por uma subjetividade que se realiza enquanto perda no outro. Para este estudo, traz-se o romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, que põe em xeque a pontualidade dos valores patriarcais judaico-cristãos das famílias rurais paulistas.

Palavras-chave: valores; subjetividade; fragmentação.

## SUMMARY

This text mediates between modernization and post-modernization, showing a society which believed and convinced itself of its memories and certainties and that, suddenly and paradoxically, sees itself torn and rotten in its insides by a subjectivity acting out as the loss of the self in the other. To this study it is brought into light the novel *Lavoura arcaica* by Raduan Nassar who keeps in check the issue of the christian-jewish patriarchal values of the rural families in São Paulo.

Keywords: values; subjectivity; fragmentation.

## RESUMEN

El texto hace una mediación entre la modernidad y la postmodernidad, mostrando una sociedad que acreditó en sus memorias y certezas y se convenció de ellas y que, súbita y paradójicamente, se encuentra rota y corroída en sus entrañas por una subjetividad que se realiza como pérdida en el otro. Para este estudio, se utiliza la novela *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, que pone bajo sospecha la puntualidad de los valores patriarcales judiocristianos de las familias rurales de la provincia de São Paulo.

Palabras-llave: valores; subjetividad; fragmentación.

Estudar textos contemporâneos exige, como orienta Eco, tratá-los como se fossem antigos. Porém, as questões com as quais nos defrontamos na atualidade colocam em causa o observador; jogam por terra os paradigmas da dialética do espírito, a emancipação do sujeito racional, a busca inebriante do progresso, a confiança ilimitada na ciência. Não se trata apenas de escolher novas categorias e colocá-las no lugar daquelas utilizadas anteriormente. O que muda, substancialmente, é a lógica a partir da qual elas se apresentam, o sentido intrínseco que agora lhes é destituído.

Nestas circunstâncias, como atribuir significados para termos como pátria, identidade, herói, caráter, justiça, verdade, história, tempo, memórias? São idéias cujos conteúdos tornaram-se lassos, esgarçados, sua dimensão anterior foi esquecida; esvaziaram-se como balões inflados, esquecidos a um canto. Necessitam ser repensados sob novos prismas.

*Lavoura arcaica*, romance inaugural de Raduan Nassar, publicado em 1975, faz parte do atual momento da literatura brasileira - por muitos chamado de pós-moderno - que coloca em xeque a pontualidade dos valores, neste caso os da sociedade patriarcal rural, valores baseados nos fundamentos míticos judaico-cristãos do Velho Testamento, que se expressam na força e coesão dos princípios da família. Se a modernidade ocupou-se em afirmar as noções de pátria, de nação, de território, de estimular os vínculos gregários do indivíduo, o sentido do pertencimento, o entendimento de um eu-sujeito como entidade estável, provido de identidade intangível, capaz de fazer sua própria história antes de se associar a outros indivíduos e vin-

cular-se a um contexto social, agora o momento é, se acompanharmos o pensamento de Michel Maffesoli, de "ênfase na empatia resultante da relação entre a renúncia de si e o deslocamento para a fusão com um conjunto mais amplo". A centralidade da discussão sobre as questões nacionais cede lugar à busca de uma subjetividade esquecida de si que se exerce "na ordenação de um tempo, de um espaço partilhado com outros"; neste caso nas lendas, nas festas e canções, na memória coletiva: onde todas as coisas se capilarizam na vida cotidiana fazendo sociedade. (1997, p.257)

Em 1991, Hanna Arendt (p.266) afirmou que a modernidade arremessou os homens "para dentro de si mesmos" e os encarcerou lá. A implosão daí decorrente resultou do excesso de ordem. O sistema, argumenta Maffesoli, "esgota-se por desgaste, por sedimentação de tantas pequenas coisas anódinas, por fraturas internas e sobretudo pelo fato de que o centro não tem mais esse papel ou não é mais reconhecido como podendo desempenhá-lo". (1997, p.81)

Em *Lavoura arcaica*, a imensidão do espaço terrestre compacta-se num quarto de hotel qualquer, de onde André, o filho de uma tradicional família rural, esconde-se e se procura. O quarto é o mundo, a catedral, o universo íntimo da subjetividade, o esconderijo por cujas frestas ele adivinha os efeitos da desagregação de todos os valores, gregários, religiosos, familiares e individuais. André é a personagem que espelha a fissura de tempos que confrontam e destroem a estabilidade das relações e valores recalcados.

Não é uma estória comum, com um princípio, meio e fim, um enredo, um lugar definido. Nem é a estória, a narrativa que comove; é a palavra, se fazendo casca

e gema, como afirma Nassar, é o livro cheirando à terra úmida. Na palavra, juntos, o signifiante e o significado, o ciclo da vida da família: “a terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo”. (Nassar, 1989, p.183)

De um quarto de uma cidadezinha interiorana qualquer, um adolescente de 17 anos agoniza no vinho os avessos das verdades aprendidas, quando Pedro, o irmão mais velho, vem devolvê-lo à casa. Por esta fresta, pelos olhos de André, que se movem e se buscam, abre-se o relato, narrado em primeira pessoa: “Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo; eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana...” (p.9)

Seus olhos olham e se desencontram do “eu” que olha por seus olhos: não há igualação entre a imagem da mente e a imagem da retina. E este é o primeiro alerta sobre uma subjetividade em vias de fragmentação.

O livro se articula, se move e se adensa como uma grande roda de carro de boi que se faz moinho e gira, para fora e para dentro, no vaivém de uma moldagem social que se cristalizou e se dissolveu. A festa no campo é o mote: é relatada no início, no capítulo 5, e retomada ao final da obra, no cap. 28. No intermezzo, delineiam-se os grandes momentos do romance: primeiro a crise, o questionamento de André com relação aos valores da família, valores que o levam a fugir de casa. Os mesmos laços que o prendem – “o amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai...” (p.22) - afastam-no.

Depois, sófrega e desenfreadamente, passo a passo, página a página, capítulo a capítulo, suas emoções e memórias de menino vão sendo despejadas e elaboradas até quase o final do livro, quando ele finalmente volta à casa. Inicia-se então o processo de confrontação das diferenças: o diálogo com o pai, o amargo amadurecimento, a perda das ilusões, a perda da inocência. A festa se repete - a dança - e, ao final, dramaticamente, a morte de Ana. A história se fecha num grande parêntese em memória ao pai, e se finaliza com a reafirmação de que a vida segue seu curso, por mais que se penetre em

seus mistérios, ou, parafraseando o final da história: “que o gado sempre vai ao poço”. (p. 196)

O leitor atento perceberá que a descrição da festa, no início e no final, tem palavras assemelhadas, o ritmo se encadeia e a história parece retornar a seu começo, mas a história, no entanto, não é mais a mesma. É outro texto, porque, ainda que reproduza idêntica cena, como diria Heráclito, não será mais o “mesmo rio”, nem “o mesmo homem”. Vejamos um excerto dos dois textos, inserindo no primeiro texto, entre chaves, as mudanças ocorridas no segundo: “e eu podia acompanhar assim recolhido junto a um tronco mais distante os preparativos agitados para a dança, os movimentos irrequietos daquele banco de moços e moças, entre eles minhas irmãs com seu jeito de camponesas, nos seus vestidos claros e leves, cheias de promessas de amor suspensas na pureza de um amor maior, correndo com graça, cobrindo o bosque de risos, deslocando as cestas de frutas para o lugar onde antes se estendia a toalha, os melões e as melancias partidas aos gritos da alegria, as uvas e as laranjas colhidas dos pomares e nessas cestas todo o viço bem dispostas sugerindo no centro do espaço o mote para a dança, e era sublime essa alegria com o sol descendo espremido entre as folhas e os galhos, se derramando às vezes na sombra calma através de um facho poroso de luz divina que reverberava intensamente naqueles rostos úmidos, e era [foi] então a roda dos homens se formando primeiro, meu pai de mangas arregaçadas arrebanhando os mais jovens, todos eles se dando rijo os braços, [cruzando os dedos firmes nos dedos da mão do outro], compondo ao redor das frutas o contorno sólido de um círculo como se fosse o contorno destacado e forte da roda de um carro de boi, e logo meu velho tio, velho migrante, mas pastor na sua infância, puxava[puxou] do bolso a flauta, um caule delicado nas suas mãos pesadas, e se punha [pôs] então a soprar nela como um pássaro... e ao som da flauta a roda começou, quase emperrada, a deslocar-se com lentidão, primeiro num sentido, depois no seu contrário, ensaiando devagar a sua força num vaivém duro e ritmado ao toque surdo e forte dos pés batidos virilmente contra o chão...” (p.28-30 e 186-187)

Este é o momento em que o menino revive, em seu imaginário, os dias claros de domingo, os tempos em que os parentes da cidade vinham passar no campo, com

os amigos. Era um tempo de certezas, de movimentos longos, lentos, contínuos, movimentos circulares, um tempo de ciclos: o ciclo da germinação, o ciclo da natureza, das estações do ano, da música, da dança, da vida. “(...) a roda dos homens se formando primeiro, (...) compondo ao redor das frutas o contorno sólido de um círculo como se fosse o contorno destacado e forte da roda de um carro de boi, (...)” (p.29)

André revive os serões da família: “o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo...” (p. 49); em nosso imaginário, surgem os serões de família relatados por José de Alencar em “Como e por que sou romancista” a lembrar os significados antropológicos da disposição das peças e móveis na casa: ... “sentava-se minha boa mãe e sua irmã D. Florinda com os amigos que apareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candieiro.” E mais adiante: “Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.” (Alencar, 1987, p.21-22)

A dimensão real dos objetos, sua disposição no espaço e a movimentação das pessoas em torno deles são estruturas que condicionam a dimensão moral e que devem significar. Jean Baudrillard, em um de seus primeiros livros de edição espanhola, auxilia-nos a compreender a forte correlação entre a restrita autonomia do espaço e a liberdade que os diversos membros têm na sociedade. Diz ele: “Lo que constituye la profundidad de las casas de la infancia, la impresión que dejan en el recuerdo es evidentemente esta estructura compleja de interioridad, en la que nos objetos pintan ante nuestros ojos los límites de una configuración simbólica llamada morada(...) Antropomórficos, estes dioses lares que son los objetos se vuelven, al encarnar en el espacio los lazos afectivos y la permanencia del grupo, suavemente inmortales hasta que una generación moderna los relega o los dispersa, o a veces los reinstaura en una actualidad nostálgica de objetos viejos”. (1988, p.14)

Nos gestos repetidos ratificam-se as tradições, endossam-se as certezas conquistadas pelo tempo, o equilíbrio firmado pelo recolhimento, pela austeridade e pela paciência: “o tempo sabe ser bom, o tempo é largo, o tempo é grande,

## LOGOS

o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas". (Nassar, 1989, p.58) A memória do avô e seus passos compassados, vagarosos, pacientes e austeros elaboram a argamassa da coesão dos princípios familiares.

Terá sido esta a herança deixada por nossos ancestrais, uma herança positiva, calejada de esforço, tenacidade e esperança? A questão histórica fundamental que antecede o atual século no Brasil, segundo Kowarick (1994), estava na exigência de superação do modelo produtivo escravista. Num país onde a maioria não havia ingressado nas fileiras do trabalho disciplinado e regular, trabalhar sob as ordens de alguém inferia aceitar uma condição semelhante àquela do cativo, o que cristalizava ainda mais a idéia de povo vadio por natureza, relaxado, pouco ambicioso e, mais do que tudo, refratário ao trabalho regular.

Quando a abolição tornou-se um processo irreversível, os efeitos de tais inadequações não tardaram a se mostrar: um fluxo volumoso e sucessivo de imigrantes se espalhou por algumas das regiões mais ricas do país, como São Paulo, vindos inicialmente da Itália, da Espanha, de Portugal e do Japão. Quantos destes grupos alicerçaram suas atividades nas tradições e valores culturais de origem, preservando a língua, os costumes, as danças, o folclore; quantos, com a mesma garra, erigiram riquezas advindas da exploração da terra, do gado, de gentes de outra cor, ou a partir de operações imobiliárias, financeiras e/ou como resultado de compromissos maritais?

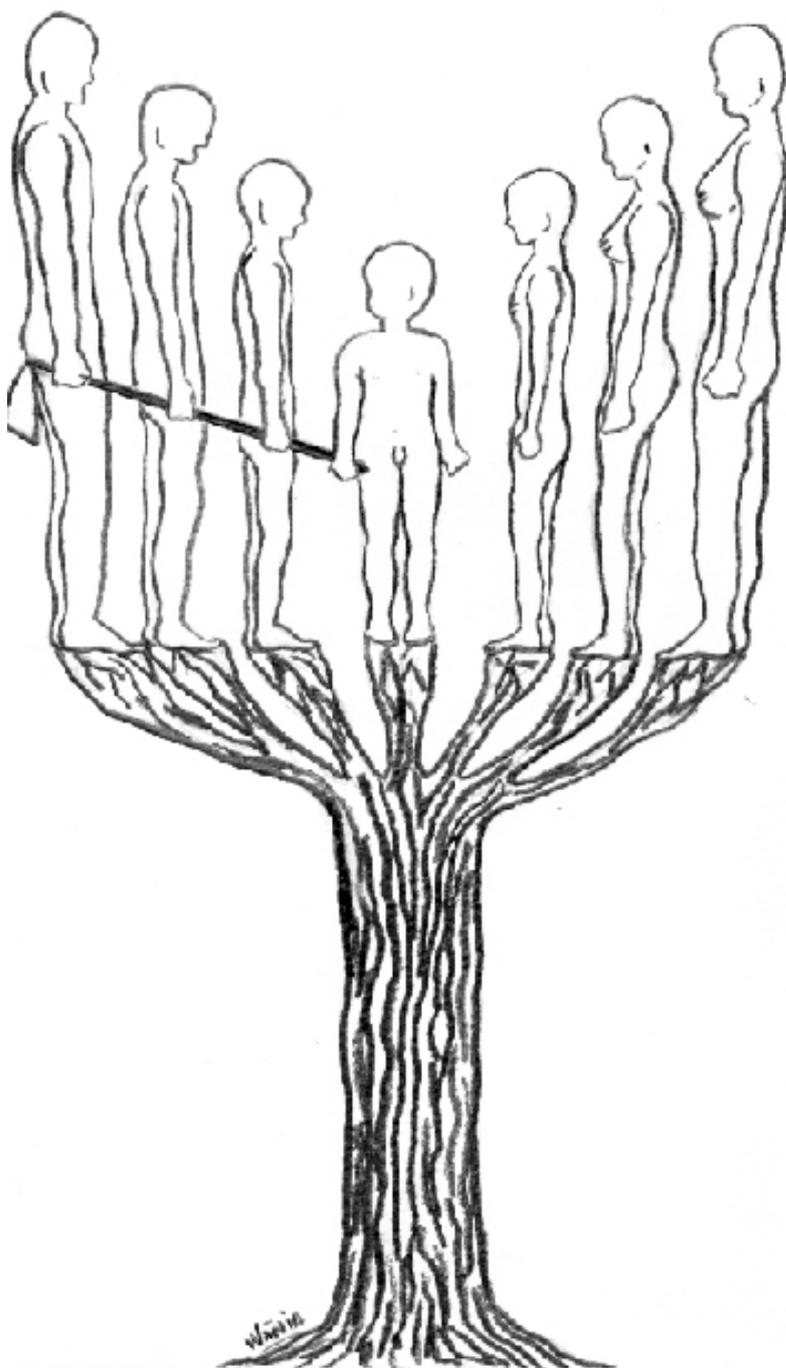
Se o propósito, para a maior parte deles, consistia em enriquecer para então voltar ao país de origem, do ponto de vista da semântica das personagens analisadas e contrapostas muitas vezes entre si ao longo deste trabalho, tal fato não assegura linearidade em seus comportamentos. Identificar estas diferenças e examiná-las à luz da longa duração fortalece a dimensão pluralista da cultura, sem o risco de gerar conclusões estereotipadas.

Em Lavoura arcaica, tanto o avô quanto o pai de André sugerem o arquétipo dos povos árabes. Cultivam como valores únicos e absolutos aqueles aprendidos de geração a geração, valores telúricos judaico-cristãos, o que os torna prisioneiros de suas tradições e origens, e os impede de imaginar sequer um futuro alternativo. As posições e os questionamentos assumidos por André perante a família são o testemunho desta estabilidade rompida,

dilacerada, e o embrião da possibilidade de um modo diferente de pensar e ser no mundo.

Halbwach afirma que, quando, por algum modo, o tempo permanece constante para um grupo por um período bastante longo, o pensamento do grupo não muda de natureza, conserva a mesma estrutura, volta sua atenção aos mesmos objetos. A força de André, em Lavoura

arcaica, está na pujança desta memória coletiva, uma memória sólida, construída pelos membros do grupo nos pequenos gestos do cotidiano, contra cujos valores, paradoxalmente, ele quer se voltar. Halbwach (1990, p.37) explicita tal sentimento: "quando uma criança se perde em uma floresta ou em uma casa, tudo se passa como se, arrastada até então na corrente dos pensamentos e sentimentos



que a ligam aos seus, ela se achava presa ao mesmo tempo em uma outra corrente, que deles a distanciava.”

Deste ponto de vista, as memórias individuais participam da memória coletiva e as envolve a todas, apesar de não se confundir com elas. No caso das “memórias sociais migrantes” - expressão de Baêta Neves (1988, p.150) ao referir-se aos estrangeiros residentes no Brasil -, o social torna-se uma espécie de “depósito máximo” do vivido, em que suas traduções em ritos, festas, lendas não visam resgatar/substituir o passado, mas provar sua inesgotabilidade.

A ambivalência implícita neste gesto indica que não é o passado que ensina o presente: são as formas de tratamento do passado que são testadas como formas de tratamento do presente. A “memória” do presente, diz Baêta Neves (p.151), trabalha com uma estratégia dupla: negando o presente para lembrar o passado, mergulhando “praticamente” no presente para esquecer o passado. Reforça ainda Maffesoli: “a eternidade da memória coletiva, a perpetuação dos mitos, o papel desempenhado pelos contos e lendas no imaginário social e, claro, os costumes que, por sedimentações sucessivas, marcam o corpo das sociedades.” (199)

Um movimento imperceptível articula, em *Lavoura arcaica*, como que num sussurro íntimo, a rememoração destas raízes tão profundas e as conduz ao presente, pela palavra narrada do protagonista, quando então se faz pretérito perfeito. Os diferentes tempos mesclam-se numa circularidade concêntrica que, segundo Schollhammer (1994), resultam num movimento narrativo que se debruça sobre si centrado no presente da enunciação... como num diálogo interior.

Nas palavras de André - o filho que se desgarrar - a convulsão da ordem, a liberação das paixões, a urgência no desnudamento dos avessos. Não é André o motor de toda esta convulsão; não há herói, nem anti-herói. Afinal, não é mais tempo de heróis. André é, como todos nós, vítima, resultado da emergência da expressão dos opostos, da necessidade quase patológica de revelar o oculto, o escondido, o impuro, o vergonhoso. A perda da certeza nas crenças já estava lá, no miolo das afeições, nos silêncios da casa, nos gemidos dos quartos, no ranger das camas, nos velhos hábitos e velhos objetos: “os humores todos da família mofando com cheiro avinagrado e podre de varizes nas paredes frias de um cesto de roupa suja (...) era preciso

surpreender nosso ossuário quando a casa ressonava, deixar a cama, incursionar através dos corredores, ouvir em todas as portas as pulsações, os gemidos e a volúpia mole dos nossos projetos de homicídio”. (Nassar, 1989, p.45) O autor fala dessas memórias como fragmentos “que conservo no mesmo fosso como guardião zeloso das coisas da família”. (p.65)

*Lavoura arcaica* é um texto que faz a mediação entre a modernidade e a pós-modernidade, mostrando uma sociedade que se acreditou segura de suas certezas, e que se viu rapidamente corroída e lacerada em suas entranhas. Por isso o texto tem ares de libertação e cheiros de profanação. Veja-se a observação de Schollhammer: “*Lavoura arcaica* é um texto que, embora dominando uma liberdade estilística e narrativa da vanguarda modernista, resgata uma herança temática universal e regressa aos fundamentos míticos judaico-cristãos do Velho Testamento e às sabedorias semitas dos povos árabes que no livro se apresentam sob a forma de confrontos culturais vividos pelas famílias imigrantes do interior do Brasil”. (1993, p.93)

As liturgias cristãs - a Última Ceia, as rezas diante do oratório, a repartição dos pães, às refeições - emblematicamente funcionam como estruturas fundantes que procuram, mesmo em dissolução, sustentar-se em novo patamar: como memórias limpas, sem culpa: o milagre “do feto renascido”...

Ana, irmã de André, é a personagem que finaliza as passagens. Ana é o elo, a matriz que liberta e funde o profano ao sagrado. Diferentemente da mãe, a cumplicidade de Ana não tem pressupostos, são ambos, ela e André, elos da mesma corrente. O exercício da subjetividade almeja chegar aos limites, quando ele se pergunta: ...“qual o momento, o momento preciso da transposição?... que massa de vento, que fundo de espaço concorrem para levar ao limite? O limite em que as coisas já desprovidas de vibração deixam de ser simplesmente vida na corrente do dia-a-dia para ser vida nos subterrâneos da memória”... (Nassar, 1989, p.99)

No “momento preciso da transposição”, quando o verbo se faz passado enterrando os mitos, André sabe que, para ter paz, precisa “deitar na palha, nu como vim ao mundo” (p.113); é preciso que se sinta só no mundo, que reconsidere as mesmas questões sob novos pontos de vista, virar tudo pelo avesso e compreender sem se desintegrar, mas ainda vem o

apelo a Ana: “não permita que eu reste à margem” (p.125).

No espaço entre a velha e a nova ordem, André anseia por seu lugar no mundo, “na mesa da família”. Seu esforço é no sentido da preservação dos laços, mas não são castos os laços. Na repetição da cena festiva, a estória muda seu curso: “Ana ... surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (...), toda ela ostentando um deboche exuberante, uma borra gordurosa no lugar da boca... coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa,... varando com a peste no corpo o círculo que dançava, introduzindo com segurança, ali no centro, sua petulante decadência ..., seus passos precisos de cigana se deslocando no meio da roda, desenvolvendo com destreza gestos curvos entre as frutas e as flores dos cestos,... e em torno dela a roda passou a girar cada vez mais veloz,... e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva..., e logo entoados em língua estranha começaram a se elevar os versos simples, quase um cântico, (...), era a voz surda de um coro ao mesmo tempo sacro e profano que subia...” (p.188-189)

A conspiração do amor - “amor ambíguo” “o amor também desune” (p. 167-168) - uniu o sacro ao profano “e travou os ponteiros”, com o gesto desvairado do pai: “a testa nobre de meu pai, ele próprio ainda úmido de vinho, brilhou um instante à luz morna do sol enquanto o rosto inteiro se cobriu de um branco súbito e tenebroso, e a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental”. (p.192)

Embatem-se, aqui, por oposição, dois níveis de transgressão: uma, do pai, que mata a filha para defender as tradições; outra, de André, que incorpora a própria transgressão à vida. Schollhammer (p.95) interpreta a questão como uma “ambivalência elíptica” entre um centro narrativo claro e exposto - o conflito entre pai e filho - e um outro implícito, escuro e enigmático - refere-se à pulsão erótica de André associada à mãe. Podemos contrapor ao ‘claro’ do cenário familiar, o ‘escuro’ subjacente de impulsos secretos e reprimidos, a endogenia da família sugerida pela possibilidade do incesto, os vazios que impedem uma

---

solução final porque deixam no ar tantos outros níveis de leitura.

A busca do novo e o esforço em preservar o passado, afirma Moriconi (1994), revelam a intenção de trabalhar as multivariâncias, imergir em suas contradições, no convívio estrito com a diferença. Não fica claro, por exemplo, se, no momento final do romance, André inverte os papéis e assume o lugar do pai e, com isso, assume o lugar central na família, ou se, ironicamente, apenas se apropria das palavras do pai para confundir o leitor. O fato é que a ironia corresponde, em nossos dias, à única forma de “podermos ser sérios”. (Hutcheon, 1988, p.62)

Tem razão Schollhammer (1993, p.97) quando diz que o livro acaba criando uma ambigüidade que abre caminho para uma leitura a contrapelo, na qual todas as simpatias são desconstruídas e a integralidade da personalidade de André é colocada em sério questionamento. Aceitar tais hipóteses significa retomar a leitura desde o seu começo, “em que o explícito dobra-se sobre o implícito” (p.98) redundantemente, opacamente, e assim indefinidamente. Ou ainda melhor: “parece-nos significativo que a narrativa, aqui, constrói esta problemática em termos visuais como a diferença entre um olhar cartesiano - que sabe descrever o mundo conscientemente desde a sua firme perspectiva e do ponto de vista de um indivíduo consciente de si e um outro olhar que simultaneamente olha e percebe-se olhado. No vacilo, na hesitação, entre um olhar e outro o sujeito se dá conta da atração à qual é submetido na forma de uma alteridade desestabilizadora... (p.101)

O que parece seguro, em qualquer caso, é que André não é mais dono de si. Utilizando as idéias de Maffesoli em outro contexto, poderíamos dizer que ele recita um texto escrito por outro. Admitindo, contudo, que a idéia de indivíduo não faz mais sentido, seja tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, o mais indicado provavelmente seria concordar com Maffesoli (1997, p. 217) quando afirma que a “religação”, a empatia de uns com os outros e com esse “mundo-aí” é o que serve de enquadramento, de matriz de interação social.

Além da dicotomia pai e filho, o que sugere prevalecer, em Lavoura arcaica, de forma contundente, é o elo que abriga magicamente, imaginariamente, a todos os da família. Para Maffesoli,

assim, rompe-se a carapaça individual e alcança-se uma espécie de realização de si oriunda da recepção do outro, da perda no Outro.

### Bibliografia

- ALENCAR, José de. Como e por que sou romancista. Rio de Janeiro: ABL, 1987.
- ARENDR, Hanna. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BAÉTA NEVES, Luiz Felipe. As máscaras da totalidade totalitária. Memória e produção sociais. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean, El sistema de los objetos. Mexico: Siglo Veintiuno, 1988.
- HALBWACH, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUTCHEON, Linda. Poética do pós modernismo. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- KOVARICK, Lúcio. Trabalho e vadiagem. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. A transformação do político – A tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MORICONI, Italo. A provocação pós-moderna. Razão histórica e política da teoria hoje. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erick. O cenário do ambíguo. Traços barrocos da prosa moderna. In: Revista Sociedade e Estado, vol. VIII, nº 1/2, jan/dez 1993, p.85-107.

---

\* Heloisa G. P. Nogueira é Mestre em Memória Social e Documento pela Unirio e Doutora em Literatura Brasileira pela PUC/Rio.